

Caderno de artífice

ANA LYGIA VIEIRA SCHIL DA VEIGA
ORGANIZADORA

FIAR A ESCRITA
a arte manual do escrever em
uma oficina de fiação artesanal

Círculo
das Artes

Copyright © Ana Lygia Vieira Schil da Veiga

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Bruna Toledo Gomes
Carlos Vinicius Bressan
Cristina Yamazaki
Larissa Orlow

EQUIPE EDITORIAL

Erica Fernandes
Luciana Cerchiaro

FOTOGRAFIAS

Arquivo pessoal: p. 23, 25, 31, 41, 52, 60, 61, 63, 73, 74, 82
Adriana Mendes: p. 91, 92
Bruna Toledo Gomes: p. 6, 57, 62, 66, 67, 71, 89, 90, 91, 31 (ilustração de Pedro Nekoi, entre outras fotos)
Carlos Vinicius Bressan: p. 10, 11, 19, 26, 34, 35, 42, 56, 77, 84, 85, 86
Larissa Orlow: p. 5, 49
Sylvia Beatrix Pereira: p. 4

CAPA

Elis Nunes sobre fotos de Ana Lygia Schil da Veiga,
Bruna Toledo Gomes
Carlos Vinicius Bressan

PROJETO GRÁFICO

Elis Nunes

EQUIPE CÍRCULO!

Alexandre Tavares | Publicidade
Elis Nunes | Coord. Artes
Graciela Paciência | Coord. Texto
Marcelo Mota e Silva | Assistente

Dados internacionais para catalogação

AN532 Caderno de Artífice / Veiga, Ana Lygia Vieira Schil da (Organizadora) –
1. ed. – São Paulo: Círculo das Artes, 2017. 96 pp.

ISBN 978-85-68782-09-5

I. Poesia brasileira; II. Literatura Brasileira; III. Curso. II. Título

CDD: 872

CDU: 82

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia brasileira; II. Literatura Brasileira; III. Curso. II. Título. 82

[2017]

CÍRCULO DAS ARTES
www.circulodasartes.com.br
contato@circulodasartes.com.br
facebook.com/circulodasartes

É permitido copiar, distribuir, remixar e recriar a obra, desde que se deem os devidos créditos aos autores, organizadora e editora, e que se use a mesma licença adotada nesta obra. É proibido usar qualquer parte deste trabalho para fins comerciais.



AFETAÇÃO EM PALAVRA



RESTOS DE EXPERIÊNCIA

Rabiscos entre gestos escritos
fios em por-vir
aquéns de corpos
instante ínfimo no múltiplo da escrita
fazer de verso no infinito
futuro do pretérito do indicativo
vozes de papel



Lãs se espalham pelo chão, pelo papel,
pelas vidas...
entre elas existires, movimentos, devires.
Lãs finas que nuveiam.

Nuvens densas que se condensam em fios...
uma usina de produção de mundos
investida de sua mais deliciosa função:
a produção de textos.

A travessia de lã nos entre-fios,
nas entre-linhas,
nas entre-mãos,
nos entre-corpos,
nas entre-meadas...
entre-mundos

assim se constituiu a feitura do presente livro.*





FIAR A ESCRITA

Este livro se originou do curso de extensão *Fiar a escrita: a arte manual do escrever em uma oficina de fiação artesanal. Exercícios e experimentações para a criatividade nas escritas literárias, acadêmicas, jornalísticas*. O curso foi proposto no formato oficina e trabalhou com as técnicas artífices de fiação manual, agenciadas a exercícios goetheanísticos de escrita para composição de textos. A metodologia empregada acentuou o caráter vivencial da experiência da fiação artesanal e da escrita inventiva.

Os dez encontros previstos se deram entre março e dezembro de 2016, às primeiras quintas-feiras de cada mês, das 19 às 22 horas, em **A Casa Tombada [Lugar de Arte, Cultura e Educação]** situada à rua Ministro Godói, 109, Perdizes, em São Paulo.

FIAR-SE NO ENCONTRO

Quando Nina Veiga propôs a experiência de Fiar a Escrita n'A Casa Tombada, ficamos alegres. Uma alegria de ter encontrado um parente que sabíamos existir mas que nunca havíamos visto.

Era o primeiro encontro.

O encontro aguardado.

(A Casa Tombada nasceu no fundamento da lealdade, da transparência, da confiança, da fiança.)

E foi do encontro da potência da artista e pesquisadora Nina Veiga com nosso desejo de fazer tessituras para uma vida em expansão que surgiu a intensa experiência que o leitor encontrará neste livro fiado/confiado.

Fiar. *Fides*, do latim, “fé”. *Con fides*. Confiar. Aliança. Uma tarde, uma conversa e um desejo de encontros. Não para quaisquer conversas. O fio apontava para o deixar tecer tendo A Casa como lugar de resistência, como território das alianças. Abrimos a porta e o coração e por ali entraram lãs em estado bruto a serem cardadas, fiadas, ciscadas, fiadas, torcidas, fiadas, *rocadas*, fiadas, enlaçadas, fiadas, tramadas, fiadas, encadernadas, fiadas, entrançadas.

O fio da conversa inicial era o mesmo que teceria encontros ao longo de dez meses. Foram quintas-feiras esperadas e agora acontecidas no código que se está dando a ler.

Espero que todos tenham a alegria que nós estamos sentindo em contato com a leitura destas linhas, que se fiam do encontro de vidas mobilizadas pela experiência do saber/sabor.

Excelente leitura a todas e todos.

GIULIANO TIERNO DE SIQUEIRA
Sócio-fundador d'A Casa Tombada [Lugar de Arte, Cultura, Educação]

FIAR-SE NO LIVRO

Um caderno que dure para sempre. Que torne infinitas as palavras, as sensações, as emoções, as catarses. Linhas em cada pensar, um fio-urdume seu, um fio-urdume meu, entrelaçamos. Nesse meio-fio, um querer livre de estar junto.

Um livro só: dentro, mil livros.

Desse ajuntamento de corpos, outro ajuntamento de corpos. Um ajuntamento menor, nutrido de respeito, agrega e delibera com delicadeza. Da íris, da lã, do quente toque dos dedos, do cheiro amadeirado do fuso, da dança do escrever, do cardado som do raspar, da cor-agem, do fio agulha na cartolina, da cola no sulfite, da foto céu azul. Até a agenda apertada, datas e datadas, seleções de fotografias e definição da capa. Gráfica e grafismo, contemplação de todas as etapas: direitos autorais, logotipos, angariar, cobrar, revisar. Pequeno ajuntamento de corpos sem se olharem e que se olharam todo o tempo. Carinhoso respeito, rara comunicação, delicadeza, confiança. Ajuntamento-comissão que recebeu o peso. Com boniteza de parição em manhã de verão, fez leveza de fundir e polir incríveis ingredientes daqueles outros corpos, ajuntamento maior. Ciranda comissão, livro materializado na mão. No corpo, dentro de cada corpo.

BRUNA TOLEDO GOMES, CARLOS VINICIUS BRESSAN,
CRISTINA YAMAZAKI, LARISSA ORLOW

SUMÁRIO DOS ENCONTROS

<u>11</u>	março	
	abril	<u>19</u>
<u>26</u>	maio	
	junho	<u>35</u>
<u>42</u>	julho	
	agosto	<u>49</u>
<u>57</u>	setembro	
	outubro	<u>67</u>
<u>77</u>	novembro	
	dezembro	<u>85</u>





Março

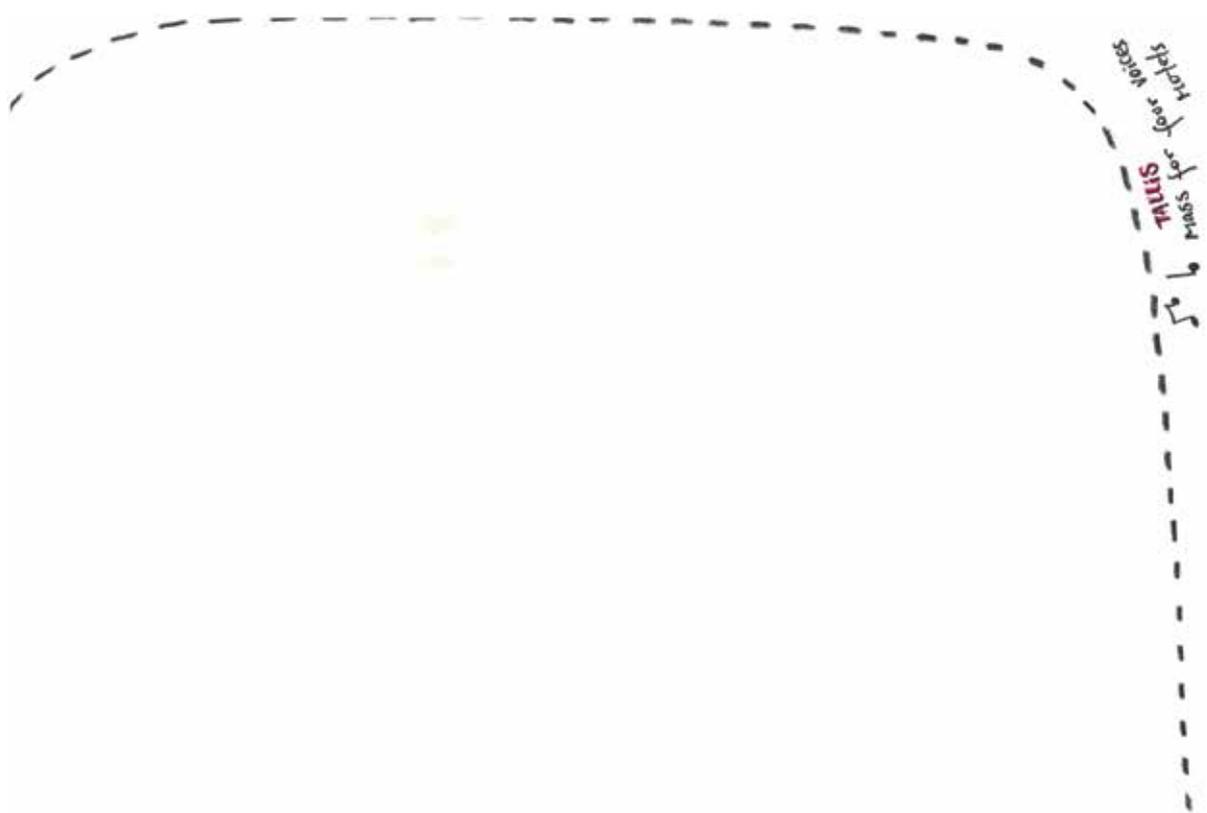
A POTÊNCIA DO BOM ENCONTRO

“Eis porque Nietzsche não acredita em grandes acontecimentos ruidosos, mas na pluralidade silenciosa de sentidos de cada acontecimento.”

Gilles Deleuze, *Nietzsche e a filosofia*, p. 3

“Saber fazer, aprender a fazer, dizer como fazer: a sucessão dos gestos que se encadeiam, o hábil movimento das mãos necessitam por sua vez das palavras e do texto para circular entre os que lidam na cozinha.”

Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano*, p. 287



cisco

ACOLHER O CISCO.

É PRECISO.

O Rio passava por debaixo da casa, ouvia-se um MARCHAR

Juiz de Fora, quarta-feira, 30 de março de 2016.

A aranha estava morta. Foi pisada e de dentro dela um caldo escuro vazou. As pernas estavam encolhidas. Não era grande, mas gorda. Até agora, enquanto escrevo aqui, não sei por que reabri fazer o que fiz. Fui arrastando a aranha com o pé até a cozinha. Lá, peguei-a com um guardanapo e coloquei em uma tigela de vidro que estava em cima da pia. Risquei um fósforo e coloquei fogo no guardanapo com a aranha dentro. Fiquei olhando. Pois... a sombra sobre o caderno me chamou a atenção. A aranha, suas pernas compridas e peludas, estendendo-se como galhos. Estes que fazem a sombra. Peguei a caneta e tracei o contorno. São galhos secos com borboletas de feltro. A transformação, após o recolhimento no casulo. O fogo na aranha recolhida no guardanapo.

MICRO E MACRO AFETAÇÕES

Com as mãos na lã bruta, esguedelhando, separando os ciscos, sou afetada por banalidades e pela inusitada troca de fotos virtuais dos manuscritos. Textos repletos de jogos de palavras, manchas de café e todo tipo de intervenção. Em tempos sombrios, agradeço as mensagens que ativam a luz do celular e me distraem da escuridão. Treino os olhos para enxergar no escuro. Exercito a capacidade de ver e não julgar, de contemplar sem inferir, porque “a inteligência vem depois”. Com os olhos abertos, procuro por nuvens, mas falta horizonte na rotina urbana. Cansada, fecho os olhos e procuro ignorar a realidade. Há nuvens escuras pairando sobre o planalto e o vento carrega o cheiro da chuva forte. E ela cai. Com os pés descalços no chão frio, caminho de olhos fechados, torcendo nuvens e tentando produzir fios nas mãos inexperientes. Enquanto trabalho com a lã entre os dedos, indago: O que eu vejo quando não vejo? O que eu não vejo quando vejo? Será que eu consigo conFIAR? Há algo a temer? Busco ânimo e coragem na pedra fundamental e sigo caminhando. Com a mente alerta, conheço novas tecnologias e recursos, investigo outros materiais e meios para fiar. Pego o que encontro na despensa de casa e aceito o que a cidade oferece no meio-fio: plástico, palha de aço, rabiola de pipa, algodão, paina, fibra de coco. Vem a inovação do fuso, uma ferramenta curiosa que em repouso se parece com uma espada e me faz lembrar que sempre podemos lutar, resistir, ocupar. Em algum lugar, a voz da maioria silenciosa ecoa e eu encontro a minha própria voz por meio das palavras de outros autores. Apago, copio, rabisco, edito, reescrevo. A transgressão é libertadora. Respiro. Chegou a hora de mãos, olhos, pés e mente trabalharem juntos no mesmo ritmo para produzir o fio. Penso nas Moiras que fiam, medem e cortam o fio do destino. Passado, presente e futuro que se entrelaçam em teias e tramas. Avanço e retrocesso, um eterno ir e vir para a roda continuar a girar.

TRAMA INCERTA

No sofá desgastado com rasgos disfarçados por almofadas sem graça, ao redor das dezesseis horas, Aderet observa seu material de fiação. Cardas, lãs de carneiro, paina, linhas diversas, fuso, agulhas, um pedaço de morim desfiado. Todos parecem liquefeitos.

Com um movimento lento e pesado, estica seu braço para alcançar o leque de cores vibrantes, que destoa do cenário monocromático em que se encontra. Alguns fios de seu cabelo esvoaçam, já não sente mais o aroma de cedro que a peça costumava exalar. Busca na memória a lenda que conta a história do Cupido que arrancou a asa de algum deus para refrescar sua amada, criando assim o leque. Quais eram os seus nomes? Uma gota de suor escorre pelo corpo interrompendo seus devaneios. A cesta com o material de fiação está à sua frente. Concentre-se, não é hora de derreter.

O sentimento de estranhamento causado por uma das novas palavras incorporadas ao seu vocabulário, quando resolveu participar das aulas de manualidades, deixou de existir no momento em que passou a usá-la consigo. Esguedelhar.

Esguedelhou-se por meses, assim como fazia com a suja lã de carneiro. Separava o material em pequenos tufo. Abria-os como frutas separando seus caroços e fiapos. Pedriscos, farpas, ciscos, merda seca, insetos vivos e mortos se espalhavam pela casa, caíam em seu colo, deixavam uma fina camada de pó sobre

a mesa com tampo de vidro. Sentiu um bem estar apenas com o processo da lã. Suas impurezas internas pareciam não ter fim. Esguedelhou-se o quanto pode.

Deixou de escovar os cabelos e passou a cardá-los. As pontas muito finas e agudas das cardas sangravam seu couro cabeludo e retiravam fios mortos que eram utilizados para fazer nuvens e fiar. Fiou de tudo um pouco. Conversas, azeite, malhas, pavio, espadas, meadas, até ficar por um fio. Recuperou-se, precisava urdir.

O gato buliçoso pula em seu colo e enfia as unhas em sua barriga, esgarçando pedaços de sua camisa, arranhando a sua pele. Preciso cortar suas unhas. Retira o bichano de seu colo, volta a se abanar, o mundo parece estar em chamas e sem uma gota d'água para arrefecer esta quentura. São as coisas da mão do homem que precisam de sua atenção agora.

Largou o leque, olhou para suas mãos e pensou se deveria cortar alguns dedos fora. Ainda era difícil tecer com tantos dedos e não tinha mais ideia de qual deles poderia se desfazer. E se retirasse aquele que dava suporte à mão inteira?

Desistiu da ideia. Havia aperfeiçoado e muito o manejo de lápis, tesouras, talheres, agulhas. Melhor não. Teria que fazer as tramas assim mesmo. Separou os materiais que usaria, agulha e linha. A base já estava perfurada e os movimentos seriam simples. Era tudo muito pequeno.

Por uns instantes, ficou observando linha e agulha, uma em cada mão e aqueles dedos que não dialogavam entre si. Girou o frio metal que segurava, acertou a posição para que pudesse passar a linha entre a pequena cavidade da agulha. Movimentos imprecisos, o suor que escorria já não era mais do calor, suas impurezas retorciam no estômago e um crescente desejo de voltar a se esguedelhar, mas não. Urgia urdir-se.

Uma, duas, três, quatro, um sem número de vezes as mãos atropelam linha e agulha. Desce pelo canto dos olhos, gota ou lágrima, sente que vai escorrer mais uma vez.

Recompõe-se, larga sobre a mesa linha e agulha, retoma o movimento com o leque e observa todo seu material de fiação. Todos estão liquefeitos.

Impermanências.*

Escrita-bicho-movimento à espreita da comida.

Permanecer na crônica.

Permanecer no corpo.

Permanecer.

Permanecer no espaço.

Permanecer no tempo.

Chronos, Aion, Kairós.

No espaço diagramado do caderno:
escrever a crônica.

No tempo cronometrado da aula: engendrar o
corpo, pensamento, existir, escrever.

Impermanências.



Abril

**AFINAR O INSTRUMENTO,
DE DENTRO PARA FORA,
DE FORA PARA DENTRO...***

“espírito e matéria, alma e corpo,
pensamento e extensão...
são os ingredientes gêmeos necessários
do universo, e o serão para sempre.”

GOETHE, Carta a Karl L. von Knebel

São Paulo, 03 de maio de 2016.

Hoje deixei tudo cair: nuvem, papel, pensamento. Lá fora, tudo se desfez e não vi nenhuma transformação, nenhuma condensação, tudo estava solto no ar: vapor, cisos e pensamentos.

Aqui dentro, bem leve, não quis entender nada, nem olhar de novo para o exterior, nem organizar ideias que podem não ser minhas.

Senti um vazio, um vazio bom, que não faço questão de preencher, só sentir.

Não percebi nada: nem dentro nem fora.

Olhei pra tudo, observei cada pedaço do mundo e não pensei em nada, tudo parado, mesmo em movimento.

Nenhum caos se instalou: nem lá longe nem aqui perto.

E assim fiquei: inerte, vazia e suave.